

BIBLIOTECA - TEXTOS BÁSICOS

TÍTULO: As Árvores de Conhecimentos

AUTORES: Inês Mindlin Lafer e Marcelo José Machado Silva

Inês Mindlin Lafer foi consultora em projetos comunitários na DDIC

Marcelo Machado é consultor da DDIC

OBS.: A versão integral deste texto está incluída no livro publicado pelo Conselho Regional de Psicologia -- SP, **PSICOLOGIA E INFORMÁTICA: INTERFACES E DESAFIOS**; Elisa Sayeg (org.) Ed. Casa do Psicólogo, SP, 2.000.

INTRODUÇÃO

No início da década de 90, a então primeira ministra francesa Edith Cresson confiou ao filósofo Michel Sérres a tarefa de desenvolver uma missão cujo objetivo era combater a exclusão social, o fracasso escolar e o desemprego.

O resultado foi o desenvolvimento, por Pierre Lévy e Michel Authier, membros da referida missão, de um dispositivo informatizado de reconhecimento, visualização e contextualização dos mais diversos saberes: as ÁRVORES DE CONHECIMENTOS (ou AdC's).

Podemos nos perguntar por que reconhecer, visualizar e contextualizar saberes são armas potentes contra os processos de marginalização social.

Lévy e Authier partiram do pressuposto de que tais processos estão intimamente ligados ao fraco reconhecimento da implicação das pessoas em um coletivo. E que fomentar a troca e a produção de conhecimentos ajudaria a contornar este problema.

(...)

BREVE DESCRIÇÃO DAS AdC's

A Árvore de Conhecimentos insere-se nesta lógica; trata-se de um instrumento de cartografia dos estados de competência das empresas, coletividades, escolas, bairros etc. Contudo, não é uma cartografia estática, mas dinâmica, que afere o valor da articulação de diferentes relevos: a relação entre aquilo que os indivíduos disponibilizam, aquilo que o coletivo demanda em relação a isto que foi disponibilizado e as possibilidades de aprimoramento das riquezas deste conjunto.

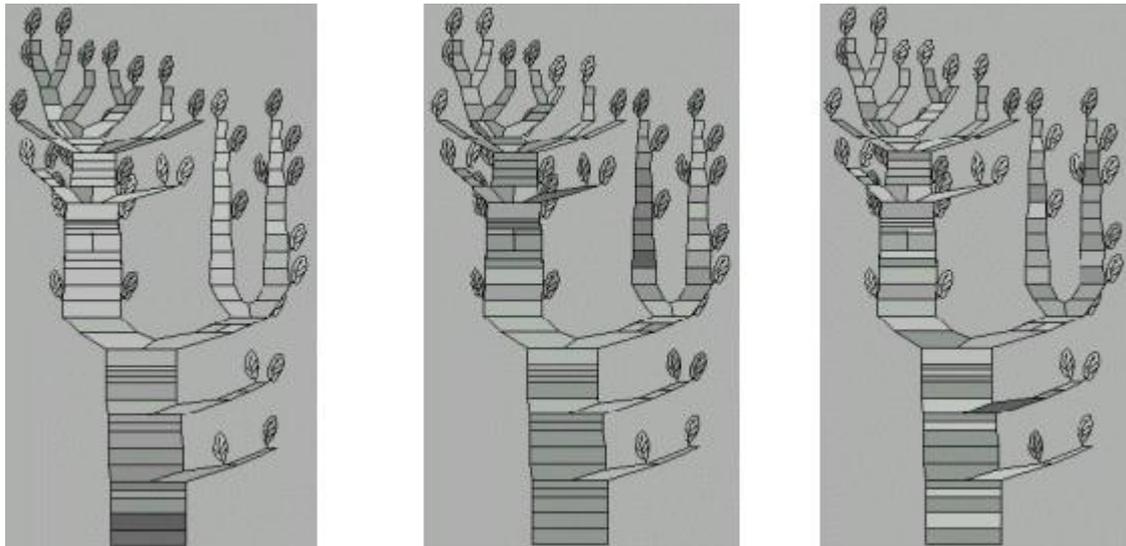


Figura 1

Três possíveis visões de um "território do conhecimento": em cada contexto, as cores da árvore denotam determinada informação. Neste exemplo, a árvore à esquerda mostra o grau de compartilhamento de saberes (mais escuros, mais compartilhados); a da direita indica o grau de utilização demandada para cada saber (mais escuro, mais solicitado); e a do centro, a disponibilidade de formações existentes (quanto mais escuro, mais formações contemplam este saber). Assim, é possível identificar com rapidez quais as discrepâncias, bem como as fontes de sinergia, entre o conhecimento existente, o conhecimento requerido e as oportunidades de aprendizado disponíveis.

Assim, as AdC's são uma representação gráfica, um mapa do "território do conhecimento". A partir da articulação entre listas ordenadas de saberes atribuídas a cada indivíduo, Gingo (como foi batizado o software das AdC's) calcula o lugar de importância de cada um destes saberes naquela comunidade. De tal modo que, mesmo que apenas um indivíduo seja detentor de um determinado conhecimento, este último figurará com clareza na imagem da AdC. Isto torna possível reconhecer a singularidade de cada percurso de saber, ao mesmo tempo em que se tem uma visão panorâmica dos conhecimentos da comunidade.

A imagem que vemos na tela do computador é de uma árvore de polígonos que representam os diferentes saberes do coletivo. As propriedades destes polígonos tais como área, cor e posição na árvore são elementos de interpretação do estado destes saberes naquele contexto. A forma da árvore, igualmente, também nos instrui acerca da situação dos conhecimentos da comunidade: os galhos da árvore marcam as diferenciações de percursos de saber enquanto o tronco aponta os elementos compartilhados.

Sobre tons do verde claro ao vermelho escuro, as cores da Árvore nos indicam os valores dos conhecimentos em função dos contextos. As mais claras têm valor menor e as mais escuras, valor maior. O valor dentro de cada contexto é definido em tempo real, a partir do uso que se faz da AdC. Estes contextos são delineados em função dos diferentes papéis que cada integrante do coletivo pode desempenhar pela atribuição que lhe é dada na elaboração do projeto. São eles:

- o de indivíduo, isto é, aquele que é portador dos conhecimentos

- representados na árvore pelos polígonos que a compõe;
- o de empreendedor, ou seja, aquele que aloca, que propõe o uso, que mobiliza os conhecimentos disponibilizados pelos indivíduos;
- o de formador, isto é, aquele que intermedeia e propõe caminhos de formação para estes conhecimentos, trabalhando com as ofertas e demandas neste campo.

Se tomamos como exemplo o universo de uma escola, os indivíduos podem ser os alunos com seus conhecimentos representados na árvore. Os empreendedores podem ser uma feira de ciências que aloca esses conhecimentos ou um trabalho que deve ser preparado. Já o formador pode ser a própria estrutura de ensino.

Podemos também usar uma empresa como exemplo. Aí os indivíduos seriam os trabalhadores; os formadores, aqueles que propõem os treinamentos, e os empreendedores, os chefes de projetos ou gerentes daquela empresa.

Estes dois exemplos apontam para diferentes aplicações das Árvores de Conhecimentos. Inicialmente desenvolvida para o campo dos trabalhos comunitários e educacionais, nos quais as questões do reconhecimento e da exclusão colocam-se permanentemente, as AdCs têm uma aplicação pertinente no âmbito empresarial.

Pertinente porque possibilitam reconhecer as riquezas ali presentes, mobilizá-las adequada e rapidamente, trabalhando em um tempo competitivo, o que contribui simultaneamente para o bom desempenho da empresa e do profissional. Profissional este que deixa de ser identificado apenas por um rótulo (seu cargo ou diploma), para ser alçado à condição de portador de um perfil múltiplo de conhecimentos, permitindo à empresa avaliar com maior acuidade seus recursos intelectuais. Ele pode ainda, a partir da visualização das necessidades e dos conhecimentos da empresa, ter autonomia para decidir sobre seu percurso dentro dela, o que freqüentemente resulta em maior implicação e motivação para o trabalho.

A partir das colocações acima, pode-se compreender porque as Árvores de Conhecimento representam um potente dispositivo de intervenção no campo da educação, das empresas e das comunidades, propondo uma forma alternativa de inserção no coletivo, a partir do reconhecimento, da visualização e da contextualização dos mais diversos saberes.